



# Cira Arqueologia

N.º 4 DEZ'15



Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)

Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira





# Cira Arqueologia

N.º **4** DEZ'15



**Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira**  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



**MUSEU  
MUNICIPAL** [www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)



Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

António M. Monge Soares, Carlos Fabião, Eurico Sepúlveda,  
Gonçalo Costa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira,  
Maria de Fátima Araújo, Marisol Ferreira, Marta Santos, Pedro Valério,  
Tânia Casimiro, Teresa Rita, Vincenzo Soria

REVISÃO

João Pimenta, Patrícia Ramos

CAPA

Pormenor da marca impressa (tríscele) proveniente de Chões de Alpompe. Fotografia de João Almeida

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG  
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Dezembro de 2015

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

## Acerca da Dinâmica Económica do Porto de Urbs Imperatoria Salacia: O Estudo Das Ânforas<sup>1</sup>

Em memória de João Carlos Faria (†)

**JOÃO PIMENTA** CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX/UNIARQ

**EURICO SEPÚLVEDA** ARQUEÓLOGO, ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CASCAIS

**MARISOL FERREIRA** ARQUEÓLOGA, CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁ CER DO SAL

### RESUMO

O presente trabalho, tem como objectivo uma leitura da dinâmica económica da Cidade romana de *Salacia*, através do estudo de um tipo de materiais muito específicos e com características de informação ímpares.

### SUMMARY

The authors present a study of the economic dynamics of the Roman City of *Salacia* (Alcácer do Sal) on this paper. They fulfilled this target through the examination of a large set of amphorae shreds which provided reliable information on commodities changed among the provinces of the Roman Empire.

## 1. Sobre a construção do conhecimento. As limitações da informação

Ao enveredarmos por uma tentativa de sistematização da informação em torno da dinâmica económica da antiga *Salacia*, não podemos deixar de sublinhar, que os dados com que podemos lidar são provenientes de um conhecimento parcelar da cidade.

Ainda que as escavações arqueológicas se tenham vindo a multiplicar nos últimos anos na área da antiga urbe romana, até ao momento as diversas intervenções realizadas, têm incidido de uma forma sistemática sobre a parte alta da cidade.

A parte baixa e a área de ancoradouro natural, certamente incrementado com estruturas de índole portuário, são para nós ainda um vazio de informação. Aqui se deveriam localizar os celeiros, os armazéns, as fábricas de conserva de pescado, assim como as diversas actividades industriais de que nos dão conta as fontes clássicas, como a tecelagem, a pesca a construção naval etc.

Podemos assim, ao lidar apenas com dados provenientes da parte alta da cidade, ter uma visão enganadora da dinâmica da urbe ao longo da sua diacronia. Esta pode ter evoluções distintas entre ambos os sectores, que se materializam em distintas realidades.

Não deixa de ser relevante ter presente o exemplo de Lisboa romana, onde o conhecimento de que dispomos sobre o seu Castelo demonstra uma dinâmica completamente distinta do da sua área portuária.

Tendo em conta este enquadramento prévio, que serve de preâmbulo a este estudo, detenhamo-nos nos dados disponíveis sobre a importação de produtos alimentares em ânforas.

<sup>1</sup> A primeira versão deste trabalho foi apresentada a 23 de Maio de 2009, no Congresso de homenagem ao nosso estimado amigo Dr. João Carlos Faria – 1.º Encontro de Arqueologia e História de Alcácer do Sal. Visto a publicação das suas Actas nunca ter visto a luz do dia, decidiu-se por trazer a público este contributo.

O conjunto mais significativo até ao momento publicado, é o recolhido no final dos anos setenta, pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal na área dos depósitos de água (Silva *et al*, 1980-81).

Os investigadores responsáveis pela publicação modelar desta intervenção, estudam então um conjunto de cento e cinquenta e duas ânforas romanas. O seu estudo permite abarcar uma leitura dos ritmos de importação desde época romana republicana até meados do século III d.C. Entre esta amostragem predomina quantitativamente as ânforas de produção Lusitanas do tipo Dressel 14 (Classe 20-21; Lusitana 2, Beltrán IVb), representadas por cento e vinte e quatro exemplares.

Já em finais dos anos noventa, foi publicado um pequeno mas significativo conjunto – quatro bordos e três fundos de ânforas –, exumado durante a escavação de estruturas possivelmente correlacionáveis com o *forum* romano de *Salacia* (Faria, 1998). Destaca-se a presença pela sua raridade em Alcácer de um nível de abandono de época tardia com ânforas do tipo Almagro 51c e Sigillata Clara D<sup>2</sup>.

O projecto LOCAS, no qual se inscreve este trabalho, desenvolveu-se em parceria com os investigadores do Museu Municipal de Pedro Nunes. Este projecto resulta do convite de João Carlos Faria a um dos signatários (E.S.), para efectuar o estudo do imenso espólio de época romana recolhido em 1996 na encosta do Castelo. Esta recolha decorreu de uma intervenção reactiva por parte da equipa do Museu Municipal, face à implantação de estru-

**Figura 1**  
Mapa de localização da área de proveniência do conjunto de ânforas em análise.



<sup>2</sup> Embora apenas atestada por dois fragmentos.

turas de suporte de terras na encosta ocidental do castelo. Esta obra surge na sequência dos trabalhos arqueológicos de emergência levados a efeito pelo IPPAR e CMAS no antigo convento de N.ª Sr.ª de Aracoeli tendo em vista a sua transformação em pousada da ENATUR.

A ausência de coordenadas contextuais é infelizmente a realidade que condicionou desde o início este projecto. Porém a volume das colecções e a sua informação intrínseca para o conhecimento da antiga *Salacia* conduziu a que se enveredasse pelo estudo de conjuntos coerentes de materiais, tais como a Terra *Sigillata* (Sepúlveda, Faria e Faria, 2000); a Cerâmica Campaniense (Sepúlveda, Sousa, Faria e Ferreira, 2001), as Cerâmicas de Paredes Finas, Engobe Vermelho Pompeiano e Lucernas (Sepúlveda, Sousa, Faria e Ferreira, 2003); e os Almofarizes “béticos” e Pesos de Tear (Sepúlveda, Santos, Faria e Ferreira, 2007).

Face ao estudo das cerâmicas finas, hoje é claro que a intervenção efectuada em 1996, conduziu à recolha de um conjunto coerente de materiais cuja cronologia se estende desde finais do século II a.C. ao século II d.C.

## 2 . O Estudo das ânforas do Lado Ocidental do Castelo

A primeira abordagem ao estudo das ânforas recolhidas na encosta ocidental do Castelo, incidiu sobre um primeiro conjunto de 44 fragmentos classificáveis correspondendo a um número mínimo de 31 ânforas (Pimenta, Sepúlveda, Faria e Ferreira, 2006).

A continuação do estudo e inventário das colecções provenientes das recolhas da encosta do Castelo, conduziu a que individualizássemos uma vasta amostragem composta por várias centenas de fragmentos classificáveis, correspondendo a um número mínimo de 96 ânforas.

## 3 . Ânforas de tipologia pré-romana

O conjunto em análise como referimos, é composto maioritariamente por materiais de cronologia romana, contudo, individualizámos um fragmento de bordo e três asas correspondendo a ânforas de tipologia pré-romana (fig. 2, n.º 6 a 9).

Do ponto de vista de classificação enquadram-se já dentro dos modelos tardios de tipologia Ibero-púnica, que poderia ser enquadrado apesar de com algumas cautelas, face ao seu estado de conservação, dentro do tipo Mañá Pascual A4 (Pellicer Catalan, 1978). Estaríamos assim neste caso, perante uma forma já evolucionada desta forma possivelmente de meados do século II a.C. (Arruda, Bargão e Sousa, 2005).

A análise macroscópica da sua pasta corresponde claramente a uma produção enquadrada dentro dos fabricos conhecidos para as ânforas Lusitanas, em tudo similar aos exemplares das primeiras produções de ânforas já de cronologia romana presentes neste conjunto.

Podemos assim, estar perante uma produção local ou regional de ânforas pré-romanas. Ultimamente os resultados das investigações de Ana Arruda, na alcáçova de Santarém (Arruda, 2002) e os trabalhos de um dos signatários sobre os níveis pré-romanos de Lisboa (Pimenta, 2005), forneceram novos dados empíricos que apontam para que terá existido realmente uma actividade de produção de contentores de tipologia pré-romana durante os finais da Idade do Ferro. Esta produção terá antecedido assim, alguns séculos a já bem conhecida actividade oleira de grande dinamismo que se estabelece a partir do século I d.C. no ocidente peninsular.

Já em 1990 João Carlos Faria, aqui homenageado, tinha apresentado uma comunicação com Dias Diogo propondo a existência de uma produção local de Mañá Pascual A4 no Vale do Sado (Diogo e Faria, 1990). Produção essa, que estaria atestada na área urbana de Alcácer do Sal, pela detecção de um forno de ânforas que teria produzido contentores do tipo Mañá Pascual A4<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> No entanto existem nas Reservas do Museu Municipal diversos exemplares completos desta forma evidenciando diferentes fabricos.

#### 4. Primeiros contactos com o mundo Itálico. Os alvares da romanização

Apesar de a informação não ser particularmente abundante, os dados disponíveis, em particular o que diz respeito à importação de cerâmica campaniense, apontam para que os primeiros contactos com o mundo itálico remontem ao século II a.C. (Soares, 1978 e Sepúlveda e al. 2001).

Qual a forma, como as comunidades indígenas interagiram com os exércitos Itálicos? E qual o modelo de “integração”, da antiga urbe pré-romana no novo modelo provincial da divisão administrativa da *Uterior*? São questões para as quais de momento não temos respostas claras.

No presente estudo identificámos um conjunto coerente de materiais, (figura 2), que nos remete para o quadro de importações de produtos alimentares de época romana republicana bem atestado no extremo ocidente no vale do Tejo nos grandes portos de *Olisipo* e *Scallabis*, (Pimenta, 2005 e Bargão, 2006). No vale do rio Sado podemos ver um padrão similar de consumo no povoado fortificado de Chibanes (Silva e Soares, 1997 e Guerra, 2004).

A aquisição do vinho Itálico, produzido de forma massiva nas grandes *villae* escravagistas da costa tirrénica, está documentada pela presença de uma ânfora do tipo Dressel 1 (fig. 2, n.º 2). Esta ânfora corresponde a um dos modelos mais característicos da expansão militar romana no ocidente, tendo uma lata cronologia desde inícios da segunda metade do século II ao século I a.C.

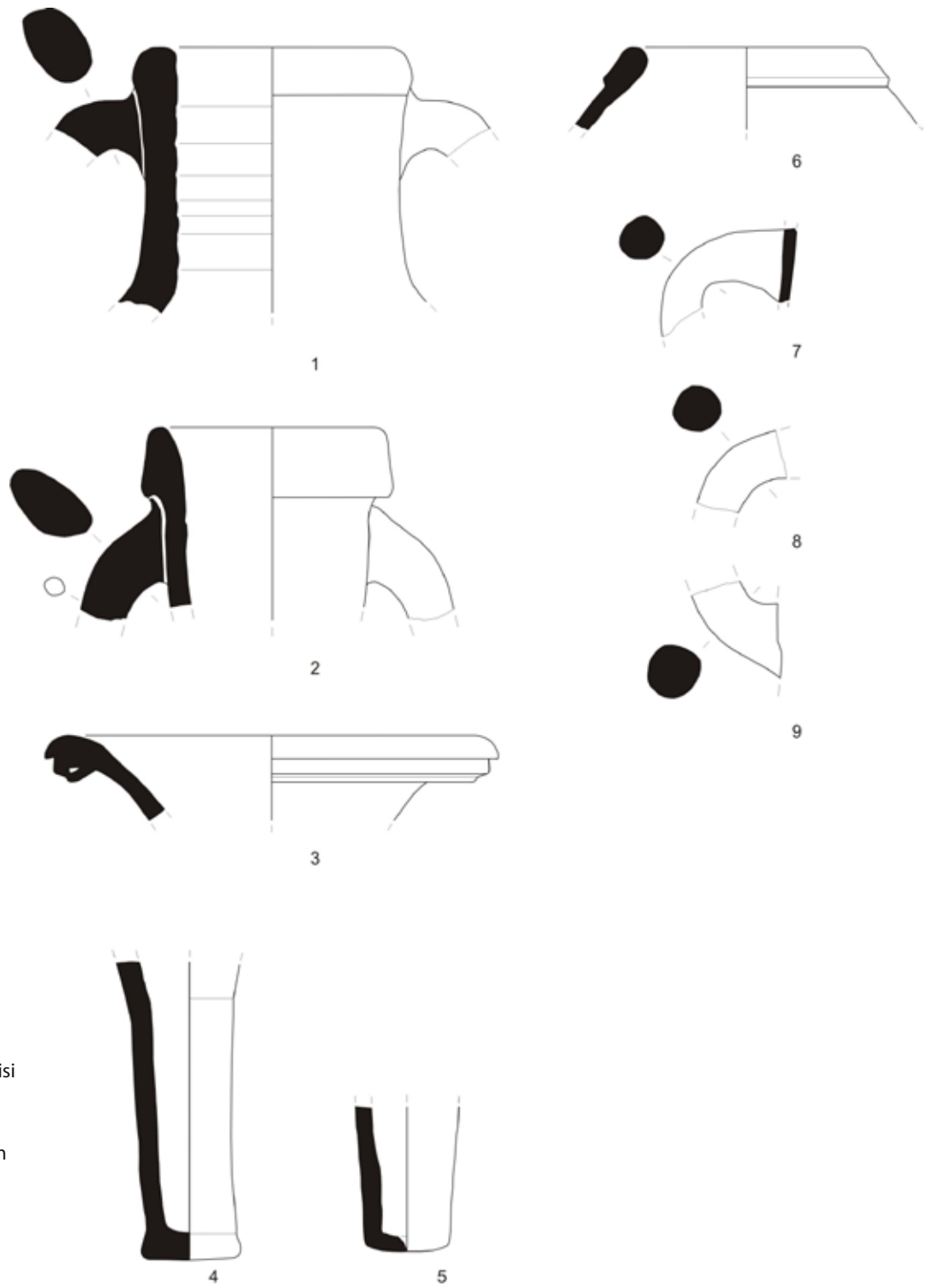
A análise macroscópica atesta uma pasta com grande abundância de “areias negras”, de origem vulcânica, correspondendo ao Grupo 3 de fabrico Itálico definido para as ânforas do Castelo de São Jorge em Lisboa (Pimenta, 2004). Este tipo corresponde às típicas produções ditas “campanienses”.

O exemplar que aqui apresentamos, ao contrário do restante conjunto, foi recolhido na área do Convento de São Francisco, onde recentemente se detectou uma necrópole com ocupação romana republicana.

Também de procedência itálica, recolheu-se do lado ocidental da encosta do Castelo uma ânfora adriática, de difícil classificação, que tanto pode ser classificada como da área de Brindisi ou como um modelo dentro das Dressel 6 (fig. 2, n.º 1). As ânforas deste tipo caracterizam-se por uma morfologia herdeira directa de múltiplas influências de época helenística, sendo uma das formas mais características, da costa adriática de Itália durante a época republicana. Aí foram produzidas em larga escala na área da Apúlia e Calábria desde meados do século II a meados do I a. C. A estas ânforas encontra-se associada uma importante tradição epigráfica, que dotam estas ânforas de uma mais-valia para o estudo da história económica e para o conhecimento da organização dos seus centros produtores.

No que diz respeito ao seu conteúdo, embora o azeite seja tido como plausível não existem ainda provas conclusivas.

O consumo de preparados piscícolas da área do estreito de Gibraltar está documentado por um fragmento de bocal e dois fundos de ânforas do tipo Mañá C2b (fig. 2, n.º 3 a 5). A importação destes típicos contentores republicanos produzidos nas áreas de influência Gaditana entre o século II e I a.C. está bem atestada no Vale do Sado no povoado de Chibanes (Maia, 1977).



**Figura 2**

n.º 1 – Ânfora Itálica de proveniência da costa Adriática Brindisi ou Dressel 6;

n.º 2 – Ânfora Itálica do tipo Dressel 1 com marca anepígrafa sobre a asa;

n.º 3 a 5 – Ânforas Mañá C2b de produção da área do estreito de Gibraltar;

n.º 6 a 9 – Ânforas pré-romanas possivelmente de produção do Vale do Sado;

n.º 6 – bordo de ânfora Mañá Pascual A4.





## 5. As Importações de produtos alimentares da vizinha província da *Baetica*

Ao contrário das evidências que analisámos no primeiro ensaio dedicado ao estudo das ânforas, do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, no presente conjunto a importação de produtos alimentares em ânforas provenientes da *Baetica*, encontra-se particularmente bem atestada (16%).

Os característicos contentores bojudos, individualizados sobre a forma 20 da tabela de Dressel, e destinados à exportação do azeite produzido na área do Vale do rio Guadalquivir, estão representados por oito fragmentos de bordo, uma asa e dois fundos. Estes últimos evidenciam grafitos efectuados *ante cocturam*, na sua superfície externa (fig. 3, n.º 15 e 16).

A análise dos diversos bocais representados no presente conjunto atesta a importação de azeite desde época tardo republicana com exemplares ainda da forma Classe 24 (Fabião, 2000) (fig. 3, n.º 10 a 14), com um aparente aumento em época de Augusto (fig. 3, n.º 17) até ao período Flávio-Trajano, (fig. 3, n.º 18 e 19) (Berni Millet, 1998).

A quantidade e variedade da informação epigráfica que muitas vezes acompanha estes contentores, sendo a ânfora romana que maior informação epigráfica proporciona, bem como a sua ampla distribuição nas províncias ocidentais do império, faz com que estes contentores se assumam como uma fonte de informação privilegiada para o estudo da economia antiga. Em Alcácer do Sal, são conhecidas até ao momento duas marcas sobre Dressel 20, que nos permitem estabelecer algumas ilações sobre a sua dinâmica comercial.

A marca **M.A.R.** impressa em cartela rectangular (Étienne, Mayet, 2004, 64f; Pimenta, Sepúlveda, *et. al.*, 2006, fig. 3 e 4). Esta marca conhece diversas variantes, com distintas proveniências na área do Guadalquivir, nas *Figlineae* de La Catría, Las Delicias e El Castillejo. (Fabião, 1993-94), tendo mais recentemente sido identificado a sua produção no Hospital das Cinco Chagas, em Sevilha (García Vargas, 2003). A análise da sua dispersão no território da Lusitânia, começa a apresentar uma inusitada difusão deixando antever estreitas relações destas *Figlineae* com a Lusitânia em particular com os grandes centros urbanos do Vale do Tejo e do Sado. Esta marca encontra-se atestada no Algarve, no Cerro da Vila, Quarteira (Teichner, 2008: Taf 184, N10), no Vale do Rio Sado em Tróia (Diogo e Paixão, 2001), e no Vale do Rio Tejo em Lisboa (Fabião 1993-94), em Santarém (Almeida, 2008) e na *Villa* romana, dita de Cardílio – Torres Novas (Diogo e Monteiro, 1999), (ver figura 4).

A marca **Q.IC.SEGS.** impressa em cartela rectangular. Tanto quanto sabemos ainda inédita, esta marca, encontra-se patente ao público na exposição permanente da Cripta arqueológica de Alcácer do Sal. Segundo a informação da peça, ela terá sido recolhida no decurso da escavação do edifício da Pousada.

Corresponde a uma marca bem conhecida com a abreviatura **Q.IC.SEGS.**, atestada no Monte Testaccio (CIL+XV+2925,1), (Callender, 1965, n.º 1461a). Esta marca surge em asas do período flávio – Trajano em Lyon e em Avenches (Suíça) conserva-se no Museu uma asa com esta Marca proveniente de um contexto bem datado de 70/95 d.C. (Schupbach, 1983), (ver figura 5).

A importação de vinho Bético encontra-se confirmada por vários fragmentos de asas, correspondendo a um número mínimo de 4 exemplares de ânforas do tipo Haltern 70 (fig. 4, n.º 24 e 25). Cronologicamente, a produção e difusão de contentores deste tipo, situa-se entre os meados do século I a.C. a inícios do século II d.C. No que diz respeito ao seu conteúdo, tudo indica tratar-se de uma ânfora preferencialmente destinada a transportar vinho, não obstante ter sido igualmente utilizada para transportar subprodutos vínicos e conservas

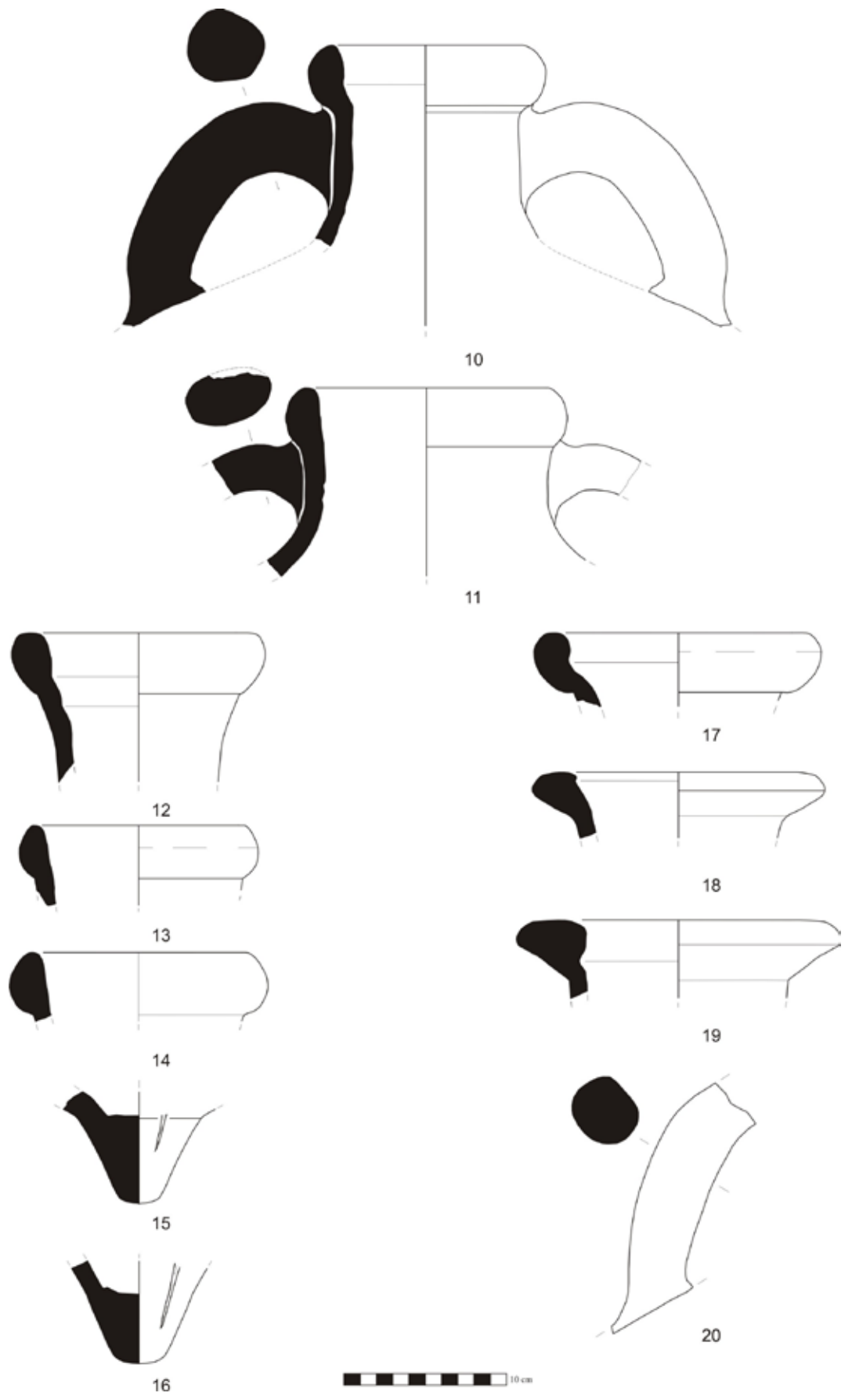


Figura 3  
Ânforas Béticas  
do Tipo Classe 24  
e Dressel 20.

(Fabião, 2000). Em Portugal o início da importação, destas ânforas, encontra-se bem atestado em níveis da segunda metade do século I a.C., como por exemplo em Mesas do Castelinho (Almodôvar), Alcáçova de Santarém, Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) e Lomba do Canho (Arganil).

Os preparados piscícolas Béticos estão representados por três ânforas do tipo Dressel 7-11 (fig. 4, n.º 21, a 23). A cronologia destes contentores situa-se entre o último terço do século I a.C. e os finais do século I/inícios do século II d.C., tendo-se difundido sobretudo a partir do principado de Augusto (Almeida, 2008). Foram produzidas principalmente na região da Bética costeira, merecendo realce a baía gaditana, onde são conhecidos inúmeros centros oleiros, embora o seu fabrico esteja igualmente atestado no vale do Guadalquivir, em concreto na região das Marismas (Garcia Vargas, 1998). Destinavam-se ao envase e transporte de preparados de peixe – *Garum*, *Liquamen*, *Muria*, *Halex* e *Laccatum* –, o que nos é testemunhado pela existência de *tituli picti* indicando esses conteúdos (Peacock e Williams, 1986, p. 118).

## 6. Ânforas da Gália

Entre a amostragem proveniente da encosta do Castelo de Alcácer, deparámo-nos com uma asa e diversos fragmentos de bojos que se distinguem do ponto de vista macroscópico do restante conjunto.

Apresentam uma pasta calcária de aspecto compacta e homogénea de tom bege. A análise do único fragmento que conserva forma, um fragmento de asa leva-nos a inclui-lo dentro da forma Gauloise 4 (fig. 4, n.º 26).

Esta ânfora vinária apresenta uma lata cronologia desde meados do século I d.C. e o século III d.C.

Em território Português ainda que não seja muito comum a sua presença nos conjuntos conhecidos, tem vindo recentemente a ser identificada a sua importação em sítios de cariz portuário como Lisboa e Tróia (Diogo e Paixão, 2001).

## 7. Ânforas Lusitanas

As ânforas de produção Lusitana dominam de forma esmagadora (81%). Entre estas produções de cariz regional intensamente produzidas nos vales do Tejo e do Sado sobressai uma série de exemplares (NMI de 70), que colocam alguns problemas na sua classificação.

Trata-se de um conjunto de fragmentos de bocais moldurados e fundos que, pelas suas características formais, se aproximam das primeiras produções de ânforas da *Baetica*, principalmente das Haltern 70 e do universo das Dressel 7/11 (fig. 5, n.º 27 a 35).

Estas ânforas correspondem às mais antigas produções atestadas para as olarias lusitanas remontando ao período Júlio-Cláudio (Fabião, 2004), ou mesmo a meados da segunda metade do século I a.C. (Morais, 2005).

Se numa primeira fase o desconhecimento acerca destas primeiras produções levou a que estas fossem englobadas dentro da forma Dressel 14 ainda que numa primeira variante (A), face a sua inegável antiguidade (Mayet e Silva, 1998; Mayet e Silva, 2002). O recente multiplicar de publicações de dados de centros de consumo onde estes primeiros modelos anfóricos Lusitanos se encontram particularmente bem representados, leva-nos a reflectir e a seguir a tese de Rui Morais e de Carlos Fabião, de podermos estar perante uma precoce produção de “ânforas ovóides”, similares às produzidas na baía gaditana durante este período (Morais e Fabião, 2007).

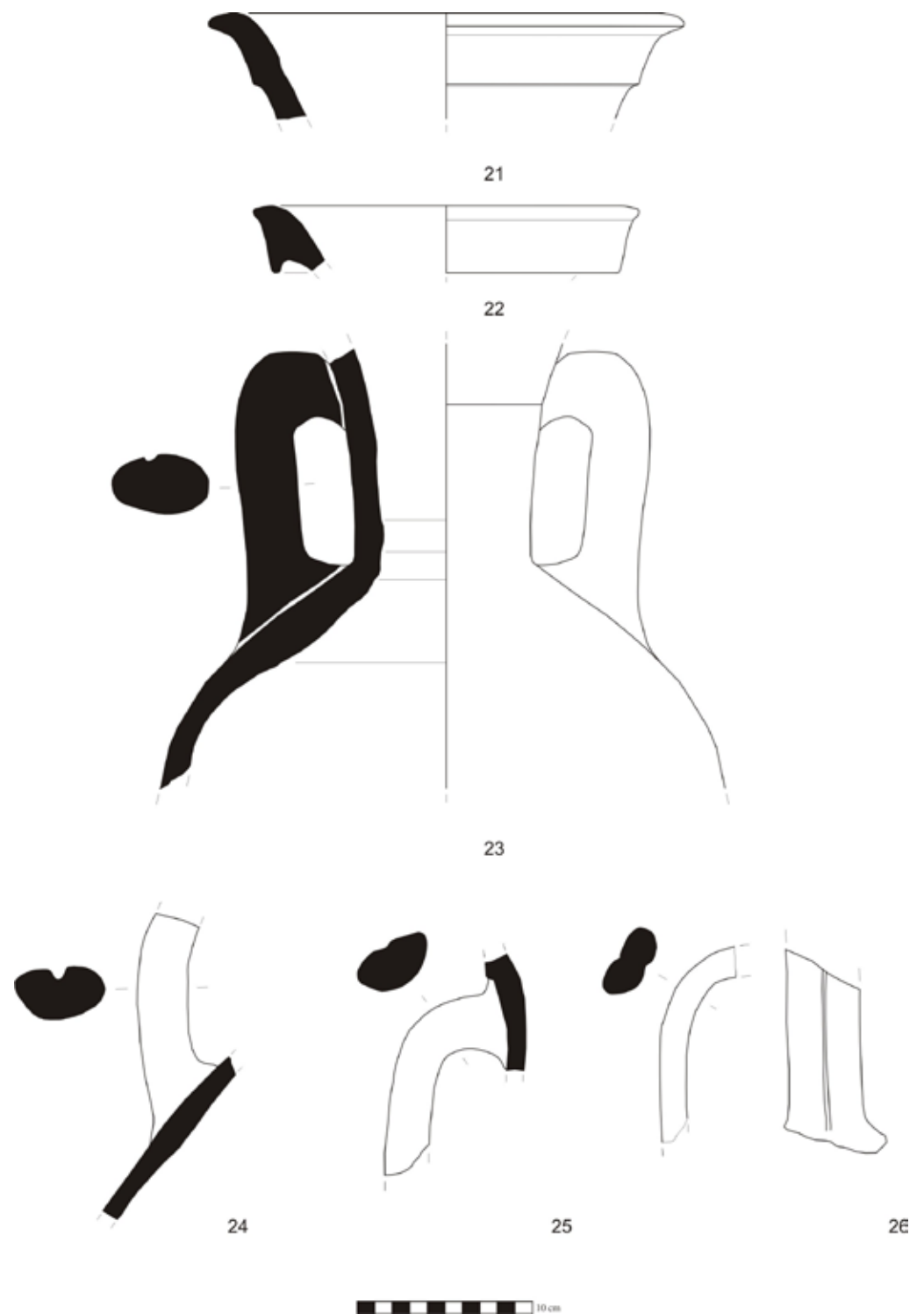


Figura 4  
 n.º 21 a 23 – Ânforas  
 Béticas do Tipo  
 Dressel 7/11;  
 n.º 24 e 25 – Ânforas  
 Béticas do Tipo  
 Haltern 70;  
 n.º 26 – Ânfora Gálica  
 do Tipo Gauloise 4.

No actual estado da investigação, esta proposta apresenta-se particularmente interessante e assaz operativa, entenda-se, o facto de estarmos a lidar com material muito fragmentado, limita à partida a leitura da evolução do corpo do recipiente.

Perante esta limitação e até dispormos de mais exemplares completos que permitam definir as primeiras produções lusitanas parece-nos mais seguro manter em aberto a classificação.

Aproveitamos para trazer à coacção novos elementos à discussão sobre o início da produção das ânforas Lusitanas.

Desde os primeiros trabalhos dos anos oitenta, de João Carlos Faria em colaboração com Dias Diogo tinha sido apontado o início da produção das ânforas Lusitanas 12 em meados do século I a.C. (Diogo, 1989, Diogo e Faria, 1990a) Porém os elementos em que basearam esta aceção nunca foram devidamente trazidos a público.

O Forno ou os Fornos da Parvoíce são conhecidos da comunidade arqueológica desde meados dos anos oitenta. Porém nunca foram alvo de trabalhos arqueológicos, resumindo-se o seu conhecimento à sua cartografia num primeiro gizar da carta arqueológica dos centros produtores de ânforas do Vale do Sado (Diogo, Faria e Ferreira, 1987).

Posteriormente estes fornos de grande importância face ao seu carácter urbano ou periurbano foram mesmo intencionalmente esquecidos por motivos obscuros da cartografia Luso francesa das produções do vale do Sado em época romana (Mayet, Schmitt e Silva, 1996).

Uma recente intervenção da responsabilidade do Museu Municipal Pedro Nunes, sobre a direcção científica de um dos signatários (M.F.), permitiu produzir novos dados sobre estes fornos, que iremos estudar em breve.

Trata-se realmente de um centro produtor na actual área Urbana de Alcácer, e que em época romana devia situar-se na sua “cintura industrial” suficientemente afastada por questões óbvias de segurança.

A escavação de uma entulheira, associada a uma das estruturas de forno permite atestar a produção destes primeiros modelos de ânforas ovóides de bocal moldurado (fig. 6, n.º 36 e 37).

Infelizmente estão ausentes quaisquer materiais datantes, que nos possibilitem enquadrar cronologicamente este momento.

Em relação a esta problemática, de quando é que será o início a produção destes primeiros modelos ovóides, um de nós (J.P.) teve recentemente a possibilidade de escavar contextos bem preservados de época tardo republicana, que trazem nova luz a esta questão.

O povoado fortificado de Monte dos Castelinhos, situa-se no concelho de Vila Franca de Xira, em posição de destaque sobre o Vale do Tejo. Trata-se de uma estação com características singulares. Fundado aparentemente na primeira metade do século I a.C. o sítio foi alvo de uma destruição generalizada ainda no século I a.C. possivelmente correlacionada com os conflitos entre César e Pompeio.

É precisamente nestes níveis de abandono brusco do sítio, bem datados de inícios da segunda metade do século I a.C. pela presença de Campaniense B e ânforas Béticas do Tipo Classe 67, Haltern 70 e Oberaden 83, que se encontram atestadas as primeiras ânforas de produção Lusitana. A sua presença nestes contextos bem definidos atesta de uma forma categórica o início da produção de ânforas de tipologia romana no ocidente peninsular em época tardo-republicana.

As típicas ânforas lusitanas de época Imperial da forma Dressel 14 (Classe 20-21; Lusitana 2, Beltrán IVb), o contentor por excelência de exportação de preparados piscícolas lusitanos, encontram-se bem atestadas (fig. 7, n.º 38 a 48).

Estas ânforas são uma das formas mais abundantemente produzidas nas olarias lusitanas entre meados do século I d. C. e os inícios do século III d. C., tendo-se identificado diversos centros produtores coetâneos no vale do Sado. A sua produção encontra-se igualmente atestada em Peniche (Cardoso, Rodrigues *et al.*, 2006), no Vale do Tejo e Algarve (Fabião, 2004).

Por último identificou-se um fragmento de bocal com arranque de asa de produção Lusitana, que classificámos como uma ânfora Almagro 50 (Lusitana 5). Esta ânfora de preparados piscícolas apresenta uma lata cronologia de produção, entre os séculos III d. C. e o V d.C. estando bem representada em sítios de cronologia tardia.

## 8. Considerações finais

As características singulares da colina do Castelo de Alcácer do Sal, as condições naturais de ancoradouro do povoado, associado à amplitude da navegabilidade do Rio Sado, conduziram, a que desde meados do primeiro milénio, aqui chegassem pessoas, ideias e mercadorias das mais distantes partes do mediterrâneo.

O presente trabalho, tem como objectivo uma leitura da dinâmica económica da Cidade romana de *Salacia*, através do estudo de um tipo de materiais muito específicos e com características de informação ímpares.

A análise dos conjuntos de ânforas, recolhidos pela equipa do Museu Municipal de Pedro Nunes, no lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, a par das informações de que dispomos para outras áreas da cidade, permitem-nos lidar com uma amostragem suficientemente ampla e com representatividade estatística (ver gráfico 1 e 2), para tecer algumas breves considerações e hipóteses de trabalho.

O seu estudo e análise quantitativa permitem começar a vislumbrar os diferentes ritmos de consumo e os fluxos de importação de produtos como o azeite, vinho e os preparados piscícolas ao longo da diacronia da urbe.

Os primeiros contactos claros, com a península Itálica, ocorrem em meados da primeira metade século II a.C. no contexto do processo de conquista e afirmação da soberania de Roma no ocidente peninsular.

Já em 2006 ao iniciarmos o nosso estudo sobre estes conjuntos do Castelo de Alcácer, tínhamos sublinhado a escassa representatividade das importações de ânforas de cronologia republicana, não obstante a existência de um nível do séc. II-I a. C. bem definido em estratigrafia na área do depósito de água.

Esta ausência, sobressai cada vez mais quando comparada com a profusão que as ânforas Itálicas apresentam no quadro das importações dos portos do vale do Tejo. Em particular Lisboa, Santarém e Chões de Alpompe.

O auge das importações de ânforas ocorre a partir de meados do século I a.C. com um claro protagonismo dos produtos oleícolas e vinários oriundos da vizinha província da *Baetica*. Este protagonismo do porto de *Salacia* mantém-se ao longo do século I e II d.C. com o despotar das indústrias de preparados piscícolas do vale do Sado (Mantas, 1996).

Segue-se um brusco decréscimo quer das importações quer das produções de cariz regional ditas Lusitanas (Ver gráfico 4). Qual o significado desta leitura? É algo que de momento não é ainda de todo claro. Por um lado as evidências estratigráficas da cidade e os dados conhecidos acerca das suas importações de cerâmicas finas apontam para um claro declínio do núcleo urbano. Por outro, alguns elementos deixam entrever que a capitalidade de *Salacia* não desapareceu no Baixo-império. Terão existido alterações no seu urbanismo?

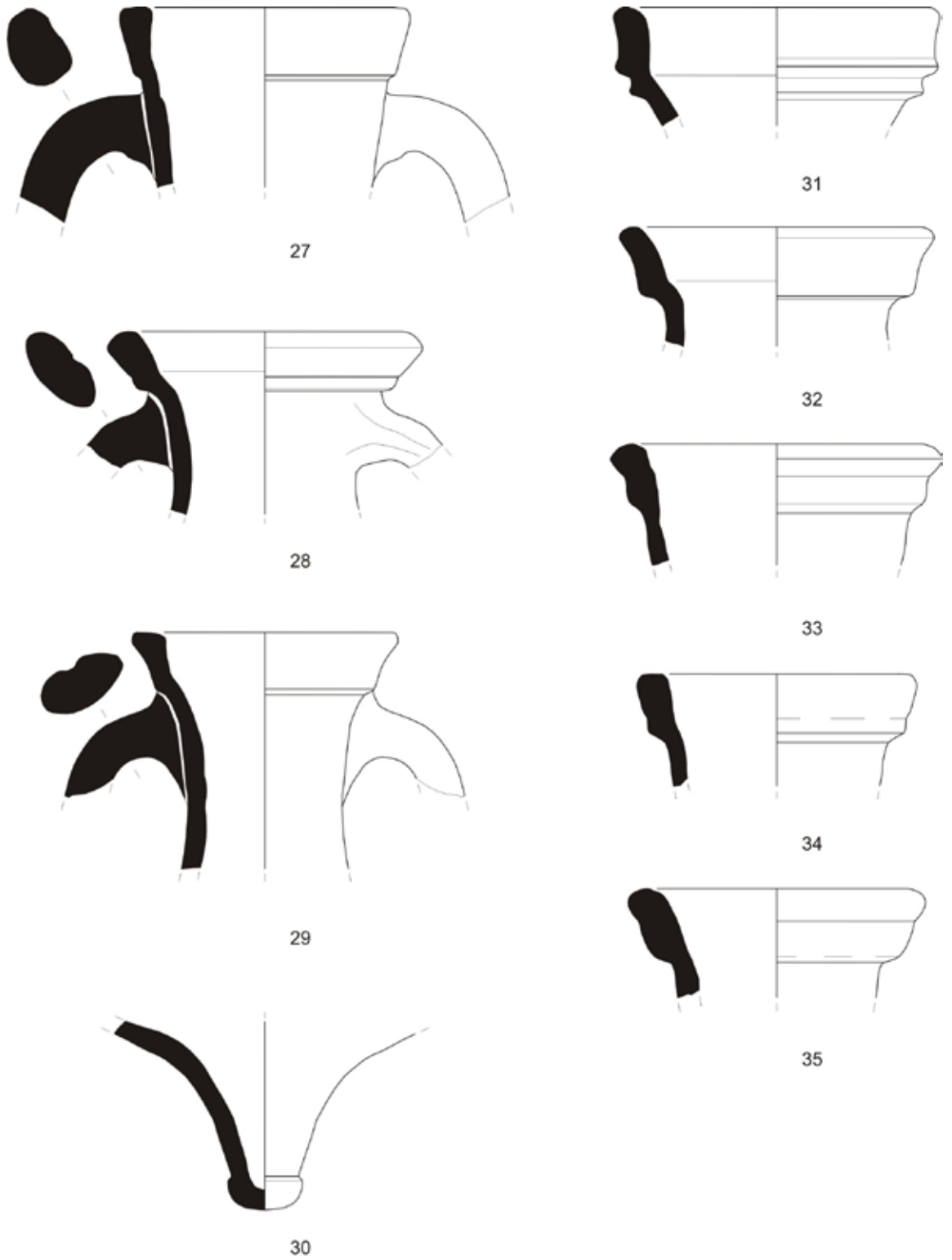
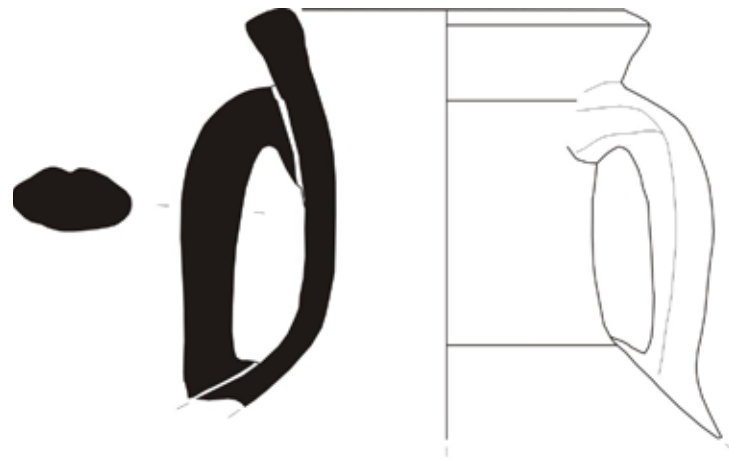


Figura 5  
Ânforas Lusitanas  
de morfologia ovóide.



36



37



Figura 6  
Ânforas Lusitanas de  
morfologia ovóide  
provenientes do Forno  
da Parvoíce.



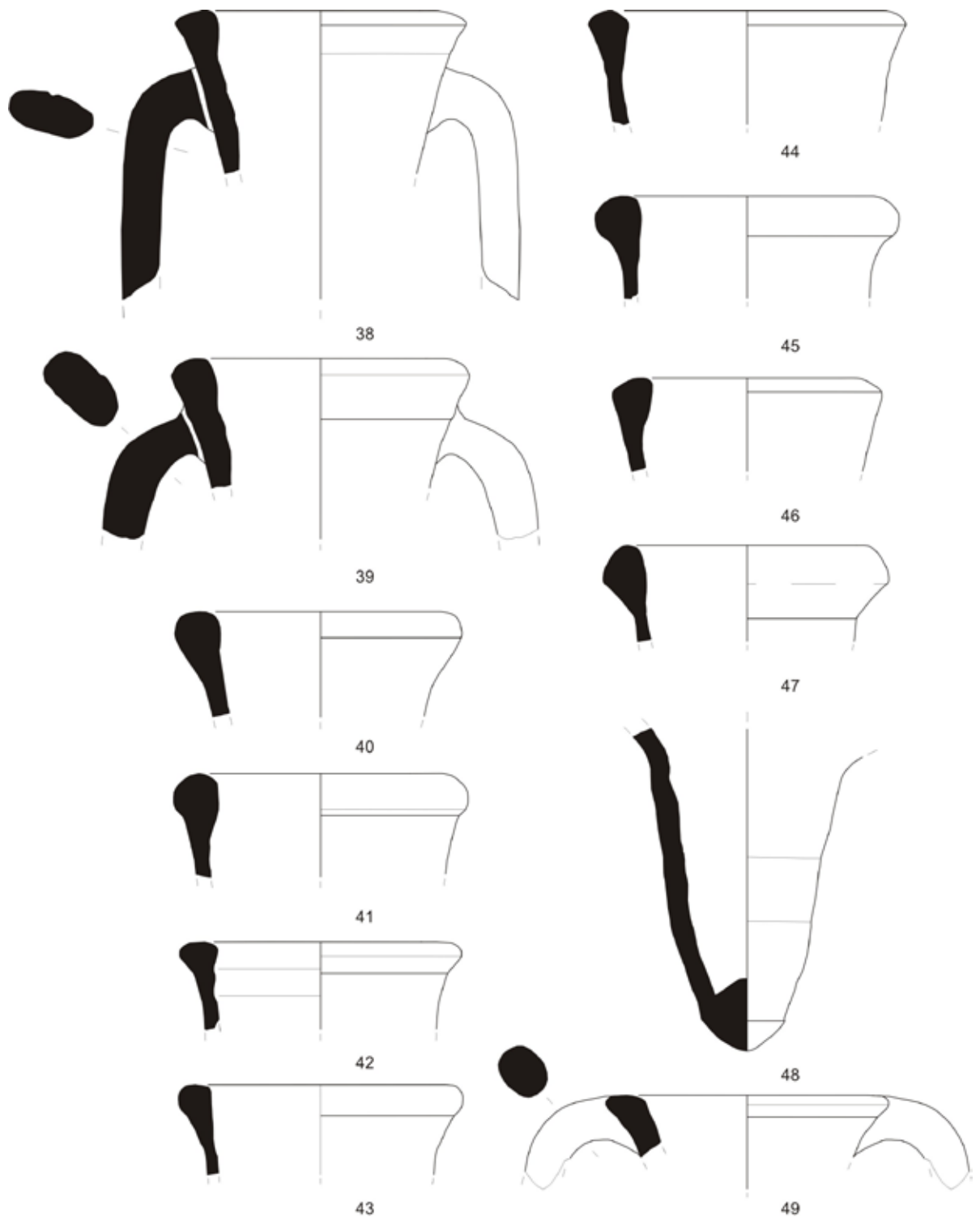
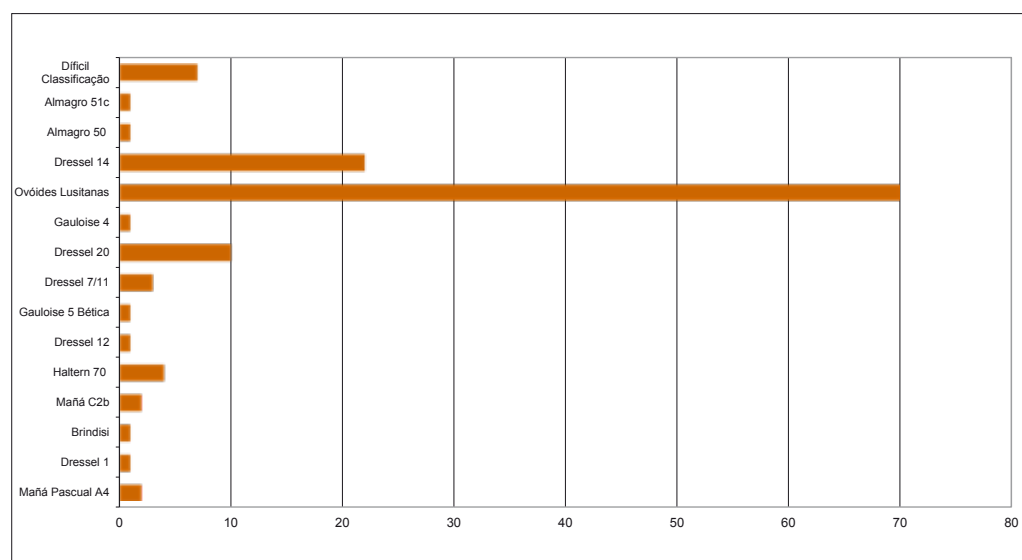


Figura 7  
 n.º 38 a 48 – Ânforas  
 Lusitanas do tipo  
 Dressel 14 (Classe  
 20-21; Lusitana 2,  
 Beltrán IVb),  
 n.º 49 – Ânfora Lusitana  
 do tipo Almagro 50  
 (Lusitana 5).

Esta leitura vem de encontro à periodização proposta para a economia do Vale do Sado (Faria, 2002). Para Alcácer depois “... da primeira década do século I, assiste-se a uma gradual substituição de Salacia por Caetobriga e pelo seu arrabalde industrial, Tróia, que provocou o completo declínio da Alcácer romana em finais do séc. I, assim como o abandono dos fornos que lhe estão mais próximos, não chegando estes a atingir a segunda fase de produção” (Faria, 2002, p. 68).

Em jeito de conclusão parece-nos interessante comparar a dinâmica do porto de Alcácer com os elementos disponíveis para o sítio industrial de Tróia. Aqui a informação sobre a importação e circulação de produtos alimentares em ânforas apresenta já uma vasta amostragem de largas centenas de ânforas, que permite com algum grau de fiabilidade sentir o pulso à dinâmica económica do seu porto, que se mantém em actividade até à antiguidade tardia (Diogo e Trindade, 1998; Diogo e Paixão, 2001; Almeida et al. 2014).

**Gráfico 1** Amostragem total do projecto LOCAS – NMI 127.



**Gráfico 2** Análise quantitativa da Amostragem de Alcácer do Sal – NMI 287.

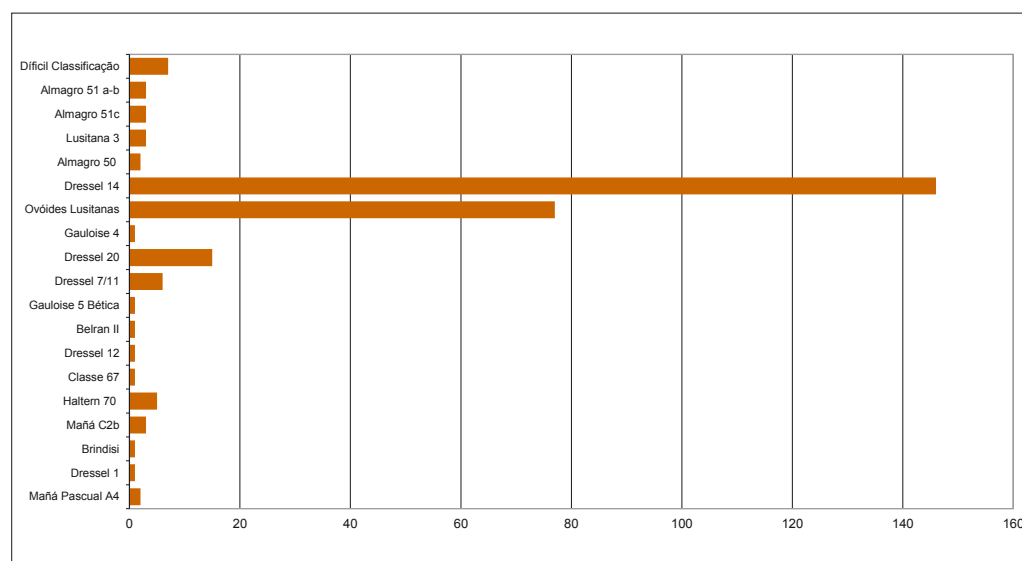


Gráfico 3 Proveniência das ânforas de Alcácer do Sal – NMI 287.

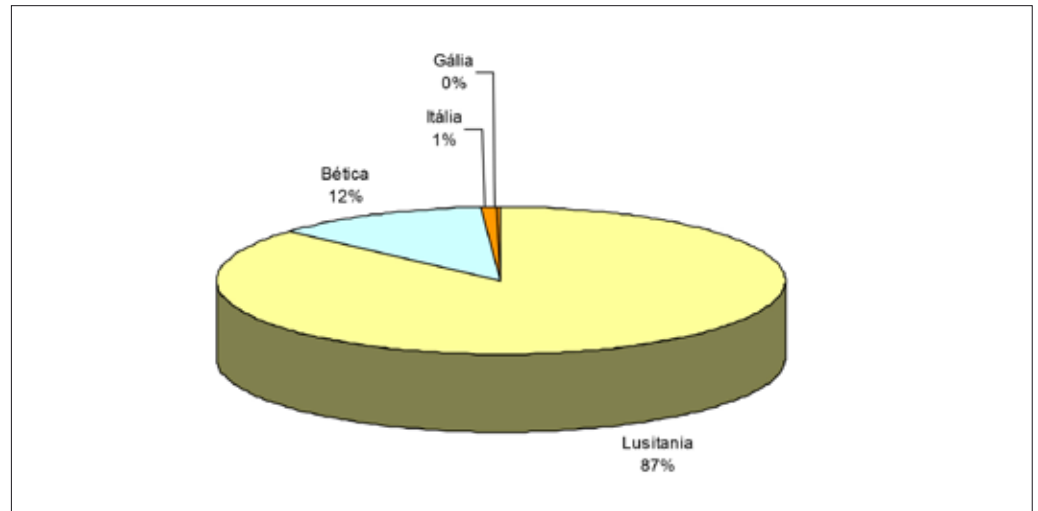
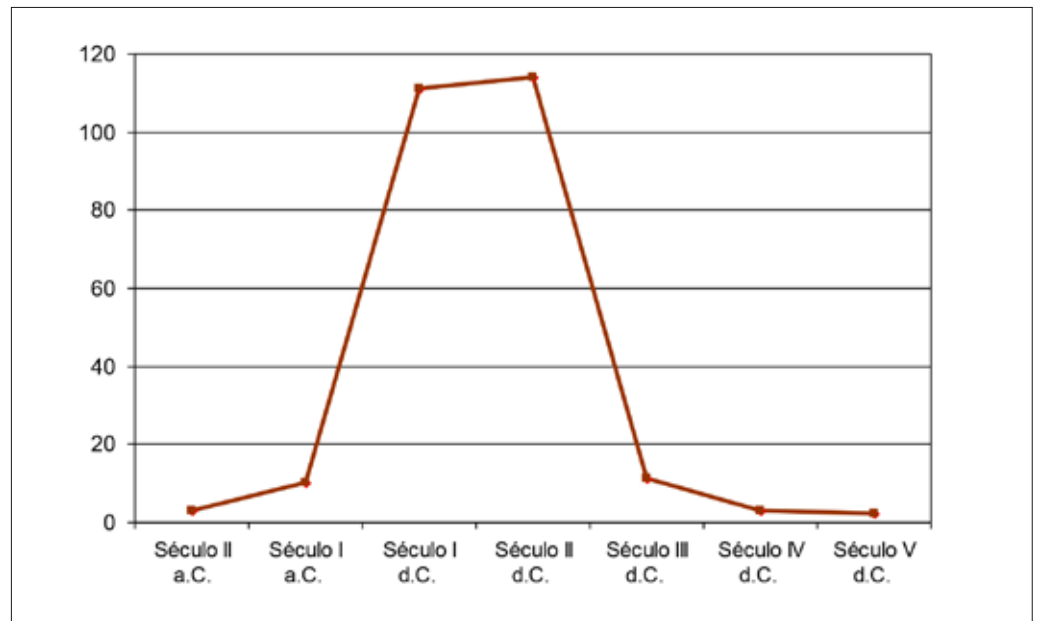


Gráfico 4 Diagrama do ritmo de importações de produtos alimentares em ânforas em Alcácer do Sal.



## CATÁLOGO

N.º	FRAGMENTO	TIPOLOGIA	PRODUÇÃO	COR (MUNSELL SOIL COLOR CHARTS)		DIÂMETRO EXTERNO	EXTENSÃO CONSERVADA
				Pasta	Superfície		
1	Bordo e arranque de asa	Brindisi/Dressel 6?	Itálica	5 YR 7/4	7.5 YR 7/4	15 Cm	16 Cm
2	Bordo e arranque de asa	Dressel 1	Itálica	2.5 YR 5/6	7.5 YR 7/3	13,5 Cm	11,7 Cm
3	Bordo	Mañá C2b	Área do Estreito de Gibraltar	2.5 YR 6/6	7.5 YR 7/4	26 Cm	5,1 Cm
4	Fundo	Mañá C2b	Área do Estreito de Gibraltar	5 YR 7/4	7.5 YR 8/4	—	18,2 Cm

5	Fundo	Mañá C2b	Área do Estreito de Gibraltar	2.5 YR 6/8	7.5 YR 7/3	—	9 Cm
6	Bordo	Mañá Pascual A4	Vale do Sado?	5 YR 6/6	5 YR 5/6	14 Cm	5 Cm
7	Asa	Mañá Pascual A4?	Vale do Sado?	5 YR 6/1	7.5 YR 6/1	—	6,6 Cm
8	Asa	Mañá Pascual A4?	Vale do Sado?	7.5 YR 6/3	7.5 YR 6/4	—	5 Cm
9	Asa	Mañá Pascual A4?	Vale do Sado?	5 YR 4/4	5 YR 5/4	—	6 Cm
10	Bordo e arranque de asa	Classe 24	Bética Guadalquivir	10 YR 7/2	7.5 YR 8/4	12 Cm	17,4 Cm
11	Bordo e arranque de asa	Classe 24	Bética Guadalquivir	10 YR 7/2	10 YR 8/4	15,5 Cm	11,6 Cm
12	Bordo	Classe 24	Bética Guadalquivir	10 YR 6/1	10 YR 7/2	15,5 Cm	9,2 Cm
13	Bordo	Classe 24	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/3	10 YR 8/2	13 Cm	5 Cm
14	Bordo	Classe 24	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/3	7.5 YR 7/3	13,5 Cm	4,2 Cm
15	Fundo	Dressel 20	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/4	7.5 YR 7/4	—	7 Cm
16	Fundo	Dressel 20	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/3	7.5 YR 8/4	—	6,2 Cm
17	Bordo	Dressel 20	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/4	7.5 YR 7/4	16,5 Cm	4,6 Cm
18	Bordo	Dressel 20	Bética Guadalquivir	7.5 YR 8/4	7.5 YR 7/4	16 Cm	4 Cm
19	Bordo	Dressel 20	Bética Guadalquivir	10 YR 7/3	7.5 YR 7/4	19 Cm	5 Cm
20	Asa	Dressel 20	Bética Guadalquivir	7.5 YR 7/3	7.5 YR 7/3	—	15,4 Cm
21	Bordo	Dressel 7/11	Bética Costeira	2.5 Y 8/4	2.5 Y 7/4	27 Cm	6,1 Cm
22	Bordo	Dressel 7/11	Bética Costeira	5 Y 7/2	5 Y 8/3	22 Cm	4 Cm
23	Colo e asas	Dressel 7/11	Bética Costeira	5 Y 8/4	5 Y 7/4	—	25,5 Cm
24	Asa	Halterm 70	Bética Guadalquivir	10 YR 7/4	10 YR 8/3	—	17,2 Cm
25	Asa	Halterm 70	Bética Guadalquivir	10 YR 6/2	10 YR 7/2	—	13,1 Cm
26	Asa	Gauloise 4	Gália	2.5 Y 7/3	2.5 Y 8/3	—	12 Cm
27	Bordo e arranque de asa	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/8	2.5 YR 6/6	16,2 Cm	12,3 Cm
28	Bordo e arranque de asa	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 6/6	2.5 YR 5/1	17 Cm	10,5 Cm
29	Bordo e arranque de asa	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 6/8	2.5 YR 7/6	15 Cm	13,6 Cm
30	Fundo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/8	2.5 YR 7/6	—	11 Cm
31	Bordo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	2.5 YR 6/4	18 Cm	6,8 Cm
32	Bordo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/8	2.5 YR 6/2	17,5 Cm	6,8 Cm
33	Bordo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	2.5 YR 6/1	19 Cm	7 Cm
34	Bordo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	2.5 YR 6/6	15,4 Cm	6,5 Cm
35	Bordo	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	5 YR 5/6	7.5 YR 6/4	16,9 Cm	6,2 Cm
36	Bordo e arranque de asa	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	5 YR 6/6	16,1 Cm	17,2 Cm
37	Bordo e arranque de asa	Ovóide Lusitana	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	7.5 YR 6/4	16 Cm	13,2 Cm

38	Bordo e arranque de asa	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/3	18, 4 Cm	18,5 Cm
39	Bordo e arranque de asa	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	10 R 5/8	2.5 YR 5/4	18,8 Cm	11,4 Cm
40	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/8	2.5 YR 6/6	17,2 Cm	6,7 Cm
41	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	2.5 YR 5/4	15,6 Cm	6,5 Cm
42	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/8	2.5 YR 5/4	17 Cm	5,6 Cm
43	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/4	17,5 Cm	5,8 Cm
44	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/4	19 Cm	7,2 Cm
45	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	5 YR 6/8	2.5 YR 5/6	18,5 Cm	6,5 Cm
46	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	5 YR 6/8	2.5 YR 6/4	17 Cm	6 Cm
47	Bordo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	5 YR 6/8	2.5 YR 6/6	15,6 Cm	6,1 Cm
48	Fundo	Dressel 14	Vale do Tejo/Sado	2.5 YR 5/6	2.5 YR 5/3	—	20,4 Cm
49	Bordo e arranque de asa	Almagro 50	Vale do Tejo/Sado	5 YR 6/6	5 YR 7/6	18 Cm	6 Cm

#### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise (1990) – *Les amphores Lusitaniennes Typologie, Production, Commerce*. Actes des Journées d'Etudes tenues à Conímbriga les 13 et 14 octobre 1988. Museu Monográfico de Conímbriga.
- ALMEIDA, R. R. (2008) – *Las ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal)*. Una aportación al conocimiento de los tipos minoritarios. Col. Lección Instrumenta. 28. Barcelona. Publicacions Universitat de Barcelona
- ALMEIDA, R.; PINTO, I. V.; MAGALHÃES, A. P.; BRUM, P. (2014) – As ânforas piscícolas de Troia: contextos de consumo versus contextos de produção. In *Monografias Ex Officina Hispania II*. Tomo I, p. 405-423.
- ARRUIDA, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. arclona.
- ARRUIDA, A. e ALMEIDA, R. R. (1998) – As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém. In *Conímbriga*. Coimbra. 37, p. 201-231.
- ARRUIDA, A. M.; BARGÃO, P. e SOUSA, E. (2005) – A ocupação pré romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8, n.º 1, p. 177-208.
- ARRUIDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. (2005) – As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 8. Número 1, p. 279-297.
- ARRUIDA, A. M., VIEGAS, C. e BARGÃO, P. (2006) – Ânforas Lusitanas da Alcáçova de Santarém. In *Setúbal Arqueológica, 13. Simpósio Internacional "Produção e comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet, (Setúbal, Maio 2004)*. Setúbal, p. 233-252.
- BARGÃO, P. (2006) – *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- BERNI MILLET, P. (1998) – *Las ánforas de aceite de la Bética y su presencia en la Cataluña Romana*. Col. lección Instrumenta 4, Barcelona, Universitat de Barcelona.
- CALLENDER M. H. (1965) – *Roman Amphorae (with an Index of Stamps)*. Oxford University Press, London; n.º 1461a
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (2005) – Olaria romana do Morraçal da Ajuda. In *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*. Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral, p. 83-102.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S.; SEPÚLVEDA, E. (2006) – A olaria romana de Peniche. In *Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica, Vol. 13, p. 253-278.
- CARRERAS MONFORT, C.; FUNARI, P. P. A. (1998) – *Britannia y el Mediterráneo: Estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Col. Lección Instrumenta. 5. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- DIOGO, A. D. (1987) – Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 5, p. 179-191.

- DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. L. (1990) – Fornos de cerâmica romana no vale do sado: alguns elementos. In *Les amphores Lusitaniennes Typologie, Production, Commerce. Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga les 13 et 14 octobre 1988*. Museu Monográfico de Conimbriga, p. 173-186.
- DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. L. (1990a) – Elementos para a caracterização e periodização da economia do Baixo Sado durante a época romana. *Arqueologia Hoje. I. Etno-Arqueologia*. Universidade do Algarve, p. 92-106.
- DIOGO, A. M. D., FARIA, J. C. e FERREIRA, M. A. (1987) – Fornos de ânforas de Alcácer do Sal. *Conimbriga*. 26, pp. 77-111.
- DIOGO, A. M. D.; MONTEIRO, A. J. N. (1999) – Ânforas romanas de “Villa Cardílio”. Torres Novas. *Conimbriga*. Coimbra. 38, p. 201-214.
- DIOGO, A. M. D.; PAIXÃO, A.C. (2001) – Ânforas de escavações no povoado industrial romano de Tróia, Setúbal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 4. Número 1, p. 117-140.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) – Uma perspectiva sobre Tróia a partir das ânforas : contribuição para o estudo da produção e circulação de das ânforas romanas em território português. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. N.º 16, p. 187-220.
- ÉTIENNE R., MAYET F. (2004) - *L'huile hispanique. Corpus des timbres amphoriques sur amphores Dressel 20*. De Boccard. Paris n.º 624.
- FABIÃO, C. (1993-94) – O Azeite da *Baetica* na *Lusitania*. *Conimbriga*. XXXII-XXXIII, p. 219-245.
- FABIÃO, C. (2000) – Sobre as mais antigas ânforas «romanas» da *Baetica* no ocidente peninsular. In *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae. Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija. Editorial Graficas Sol, p. 665-682.
- FABIÃO, C. (2004) – Centros oleiros da *Lusitânia*. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Congresso Internacional Figlinae Baetica. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a. C.-VII d.C)*. Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Cádiz. (12-14 de Noviembre de 2003). BAR Internacional Series 1266. Vol. 1, p. 379-410.
- FARIA, A.M. (1999) – Colonização e Municipalização nas províncias Hispano- Romanas: Reanálise de alguns casos polémicos. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 2. Número 2, p. 29-50.
- FARIA, J. C. (1998) – Algumas notas acerca do provável Fórum de *Salacia Imperatoria* (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. XXXVII, p. 185-199.
- FARIA, J. C. (2002) – *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*. Edições Colibri.
- FUNARI, P. P. A. (1996) – *Dressel 20 inscriptions from Britain and the consumption of Spanish olive oil*. BAR British Series. 250. Oxford.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) – *La Producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (Siglos II A.C.-IV D.C.)*. Ecija. Editorial Graficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2003) – Las producciones de la figlina. “Ânforas”. In Vázquez labourdette, A. (Ed.) *Arqueología y Rehabilitación en el Parlamento de Andalucía. Investigaciones Arqueológicas en el Antiguo Hospital de las Cinco Llagas de Sevilla*. Sevilla, p. 200-219.
- GUERRA, A. (2004) – *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 7. Número 2, p. 217-235.
- MAIA, M. (1977) – As ânforas neopúnicas do sul de Portugal. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 199-207.
- MANTAS, V. G. (1990) – As cidades marítimas da *Lusitânia*. In *Les Villes de la Lusitanie Romaine. Hiérarchies et Territoires. Table ronde internationale du CNRS*. Talence – 1988. Paris. CNRS. Collection de la Maison des Pays Ibériques. 42, p. 149-205.
- MANTAS, V. G. (1996) – Comércio marítimo e sociedade nos Portos romanos do Tejo e do Sado. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Publicações Dom Quixote. Lisboa, p. 343-370.
- MAYET, F.; SCHMITT, A.; SILVA, C. T. (1996) – *Les amphores du Sado, Portugal. Prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Diffusion de Boccard.
- MAYET, F. e SILVA, C.T. (1998) – *L'atelier d'amphores de Pinheiro. Portugal*. Paris: Diffusion de Boccard.
- MAYET, F. e SILVA, C.T. (2002) – *L'atelier d'amphores d'abul*. Paris: Diffusion E. De Boccard.
- MORAIS, R. (2005) – Problemáticas i noves perspectives sobre les àmfors ovoïdes tardo-republicanes. Les àmfors ovoïdes de producció Lusitana. In *CulipVIII i les àmfors Haltern 70*. Monografies del Casc 5. Girona, p. 36-40.
- MORAIS, R. e FABIÃO, C. (2007) – Novas produções de fabrico Lusitano: Problemáticas e importância económica. In *Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en occidente durante la antigüedad*. Cádiz, 7-9 de noviembre de 2005, p. 127-133.
- PAIXÃO, A. C. (2001) – Alcácer do Sal Proto-Histórica no contexto mediterrânico. In *Os Púnicos no extremo*

- Occidente*. Actas do Colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000). Lisboa. Universidade Aberta, p. 149-172.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978) – Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, p. 365-400.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) – *Amphorae and the Roman Economy, an Introductory Guide*. London: Longman Publications.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, Trabalhos de Arqueologia, 41.
- PIMENTA, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (séculos II-I a. C.). In *Actas del congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*. Universidad de Cádiz, Noviembre de 2005, B.A.R., International Series, 1686, Oxford, p. 221-233.
- PIMENTA, J. ; SEPÚLVEDA, E de; FARIA, J. C. FERREIRA, M. (2006) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 4: ânforas de importação e de produção Lusitana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 9. Número 2, p. 299-316.
- SCHUPBACH S. (1983) – Avenches: Contribution à la connaissance de la chronologie des estampilles sur les amphores à huile de Bétique. J. M. Blázquez Martínez, J. Remesal Rodríguez (Eds.) *Producción y Comercio del aceite en la Antigüedad*. Segundo Congreso Internacional, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, p. 349-361.
- SEPÚLVEDA, E.; FARIA, J. C.; FARIA, M. (2000) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 1: *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 3. Número 2, p. 119-152.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2001) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 2: “Cerâmicas de Verniz negro” e cinzentas. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. n.º 19, p. 199-234.
- SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, E. M.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2003) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 6. Número 2, p. 383-399.
- SEPÚLVEDA, E.; SANTOS, P. A.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2007) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 5: almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 10. Número 2, p. 255-284.
- SILVA, C.T. (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*. Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado, Lisboa: Publicações D. Quixote/Câmara Municipal do Seixal, p. 43-54.
- SILVA, C. T.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; SOARES, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p.149-218.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. In *Estudos Orientais VI – Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 33-66.
- SILVA, C.T.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) – A praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p 249-284.
- SOARES, A. C.; SILVA, C.T. (1978) – Ânforas romanas da área urbana de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 171-202.
- SOARES, J. (1978) – Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 133-143.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. (1973) – Ocupação do período Proto-Romano do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. Vol. 1, p. 245-305.
- TEICHNER, F. (2008) – *Zwischen land und Meer. Entre tierra y mar*. Stvdia Lvsitana, 3, Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.



Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



MUSEU  
MUNICIPAL

[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)

Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira

